

## A Cara da Cidade<sup>1</sup>

Ana Cristina PERON<sup>2</sup>

José Djalma da SILVA JÚNIOR<sup>3</sup>

Eduardo Barreto Vianna MEDITSCH<sup>4</sup>

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC

### RESUMO

O programa *A Cara da Cidade* foi desenvolvido pelos alunos de segunda fase do curso de Jornalismo da UFSC, com orientação do professor Eduardo Meditsch. O programa faz parte da experiência de produção radiojornalística proposta pela ementa da disciplina. A edição tratada nessa publicação fala da cultura florianopolitana narrada a partir das histórias de moradores e suas ligações com a mística da cidade. A Ilha da Magia é uma denominação mercadológica que foi usada pela primeira vez em 1978 por uma agência de viagens. Além do uso para o turismo, o significado da expressão revela as crenças que os moradores herdaram da cultura açoriana. O programa tem duração de 30 minutos e é dividido em dois blocos. O programa traz o historiador Gelci José Coelho, especialista nas obras do autor Franklin Cascaes que exploram o lado mágico da cultura da Ilha.

**PALAVRAS-CHAVE:** Florianópolis; Ilha da Magia; cultura; radiojornalismo; turismo.

### 1 INTRODUÇÃO

O programa *A Cara da Cidade* foi desenvolvido na disciplina de Radiojornalismo I do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, com orientação do professor Eduardo Meditsch. O programa faz parte de uma série composta por nove edições que explicam características da cidade de Florianópolis através da voz de quem aqui vive. A criação e execução de um projeto radiojornalístico faz parte da ementa da disciplina, com objetivo de unir a teoria e a prática da produção do jornalismo no veículo rádio.

A ideia do programa surgiu da curiosidade de explorar a cultura local e de dar importância para a fala das pessoas que contam diariamente a história de Florianópolis. Desde o título até o formato do programa, tudo foi pensado para colocar os personagens em destaque quando confrontados com as características da cidade. *Eu sou a cara da cidade* é a frase que dá propriedade ao popular para narrar sua experiência e justificar o reconhecimento da característica abordada.

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XX Prêmio Expocom 2013, na Categoria Rádio, TV e Internet, modalidade RT01 Programa Laboratorial de Áudio.

<sup>2</sup> Aluna líder do grupo e estudante do 3º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: anacristina.peron@gmail.com.

<sup>3</sup> Estudante do 3º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: j.djalma.jr@gmail.com.

<sup>4</sup> Orientador do trabalho. Professor Doutor do Curso de Jornalismo, email: emeditsch@gmail.com.

Os temas escolhidos para as nove edições do programa foram: 1) Floripa Saudável; 2) Floripa Ecológica; 3) Floripa – Ilha da Magia; 4) Floripa Cosmopolita; 5) Floripa Arte; 6) Floripa Noturna; 7) Floripa da Diversidade; 8) Floripa Mercado Informal; 9) Floripa Mobilidade. Todos os temas apontam características da cidade reconhecidas por pesquisas, *rankings*, estatísticas ou pela opinião de quem visita a Ilha.

## **2 OBJETIVO**

O trabalho radiojornalístico *A Cara da Cidade* tem como objetivo resgatar a memória e a cultura da cidade de Florianópolis através do folclore e da mística que se difundem pelos moradores da Ilha. Partimos da pergunta: Florianópolis é considerada a Ilha da Magia por causa da herança açoriana aqui presente ou por causa de uma espécie de marketing do setor turístico? A busca por essa resposta nos permite explorar dois contextos diferentes, mas que são ricos em explicações, ramificações e significados.

O programa também busca dar voz aos populares, às pessoas que mantêm a essência mística da cidade viva, transmitindo de geração para geração os contos e lendas. Em paralelo, buscamos referências técnicas, ou seja, especialistas que estudaram e aprofundaram reflexões sobre a vida dessa gente. A mistura dessas experiências nos permite confrontar a realidade e diferentes visões sobre um tema que ultrapassa o entendimento, mas que causa deslumbre aos que vivem ou visitam a cidade.

Florianópolis é uma cidade cheia de particularidades: é capital do estado de Santa Catarina, cresceu e se desenvolveu muito rápido, possui uma frota de veículos quase igual ao número de habitantes, no verão quase triplica o número de pessoas na cidade, é rica em paisagens naturais e memórias culturais, abriga pessoas de todas as regiões do Brasil e do mundo e ainda consegue manter vivas as tradições das velhas rendeiras, das benzedeiras, das bruxas, dos pescadores e dos encantos do mar. O confrontar dessas realidades e a denominação de Ilha da Magia nos instigaram a desenvolver esse trabalho e, encontrar os significados individuais e coletivos da cultura mística, permitindo-nos compreender melhor a vida de quem faz de Florianópolis um lugar mágico.

## **3 JUSTIFICATIVA**

A cultura dos florianopolitanos normalmente é abordada através das observações de especialistas, dando pouco (ou nenhum) espaço para a fala dos moradores, ou seja, das pessoas que vivem aquilo que está sendo retratado. A falta de produções que

valorizam os manézinhos nos permitiu construir um material que pode ficar como dado histórico da cultura da cidade.

O tema *Floripa – Ilha da Magia* vem da forte influência do turismo que usa esse slogan para vender a cidade como um local mágico. Além disso, as regiões mais afastadas da área urbana enraízam suas culturas nas lendas e mistérios ligados, principalmente, à cultura bruxóica. A geografia da cidade também contribui para propagar o encanto dessa Ilha. Os mistérios do mar, das doenças que atingem as crianças, dos fenômenos climáticos e até da formação de paisagens naturais rendem bons causos e contos.

#### **4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS**

O programa é dividido em entrevista de estúdio, boletins e um quadro fixo. Para o entrevistado de estúdio, a escolha recaia em alguém que representa a característica que está sendo retratada na edição e comenta os diferentes assuntos abordados durante a produção. Os boletins trazem as diferentes visões, opiniões, ângulos e histórias sobre o tema principal. Os boletins servem como estrutura ao programa e definem a evolução da abordagem do tema. O quadro fixo é o *A Cara de Outra Cidade*, que traz a visão de alguém que não pertence a essa cultura e comparações entre os dois locais.

A cada edição era formada uma equipe de produção com cinco ou seis alunos. A equipe de produção ficava responsável por escolher as pautas e suas respectivas angulações. Os dois apresentadores eram escolhidos a partir do grupo de produtores e responsáveis por montar o roteiro com a ordem dos boletins e perguntas-chave para o entrevistado de estúdio. Os outros alunos assumiam a função de repórteres e montavam os boletins, além de auxiliarem os produtores no momento da gravação.

A edição final da entrevista de estúdio se dava através de questionamentos sobre a vida do personagem entrevistado, sobre experiências observadas a partir de sua relação com a temática e sobre opiniões acerca dos boletins apresentados. Os boletins exploravam características mais específicas do tema, segmentando o tema principal. Os boletins seguiam o formato de reportagem com texto e locução do repórter e sonoras do(s) entrevistado(s). Músicas, efeitos sonoros, uso do silêncio e outros recursos de edição caracterizavam os boletins inseridos no programa.

O programa, dividido em dois blocos, começava com uma chamada básica no estilo: “Durante os próximos minutos Florianópolis vai mostrar a sua cara”. Após essa introdução, o entrevistado de estúdio falava suas principais características que introduzem a

temática da edição do programa. Seguia-se com a vinheta de abertura, a apresentação dos locutores e a formalização da presença do entrevistado. Após uma série de perguntas introdutórias procedia-se a intercalação de boletins e conversas na mesa. O segundo bloco era caracterizado pela presença do quadro *A Cara de Outra Cidade*, pelos créditos da edição e a vinheta de encerramento.

## **5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO**

A escolha do tema Ilha da Magia resultou de uma discussão em que pensávamos numa característica que fosse exclusiva de Florianópolis. Até então, os temas “Floripa Saudável” e “Floripa Ecológica” tinham sido abordados no programa. As justificativas foram que Florianópolis é considerada a capital mais saudável do Brasil, e que entrou no Guinness Book como a cidade que mais recicla óleo de cozinha no mundo. Mas desta vez buscávamos um elemento que só pode ser encontrado na cidade, um traço forte da cultura da ilha.

Bruxas, boitatás, lobisomens e outros seres mágicos fazem parte do folclore florianopolitano. As lendas são heranças dos colonizadores açorianos que chegaram à cidade há mais de duzentos anos e se sentiram instigados pela natureza e pelas paisagens naturais. A beleza das pedras no bairro Itaguaçu, por exemplo, foi atribuída a um feitiço que teria petrificado seres sobrenaturais que estavam numa festa no local.

Nos bairros mais tradicionais da cidade, como Ribeirão da Ilha, Pântano do Sul e Rio Vermelho, as histórias de magia estão presentes nas conversas diárias e interfere nos hábitos da população que acredita na existência de tais seres. É possível encontrar mulheres que se consideram bruxas ou benzedeiros e pessoas que dizem ter presenciado feitiços. É comum encontrar pescadores que contam que seus barcos e redes foram objeto de diversão ou de maldição de bruxas.

O folclore da Ilha também foi usado economicamente. Em 1978, num evento de uma agência de viagens, que surgiu o título “Ilha da Magia”. Um dos estandes foi decorado de maneira esotérica e havia pessoas fantasiadas de bruxas e lobisomens tentando vender o título. A partir daí, o comércio começou a usar a denominação para atrair clientes e turistas, e também surgiram lojas esotéricas que vendem produtos ditos mágicos.

Artistas catarinenses também se inspiraram no universo bruxólico. Franklin Cascaes (1908-1983), conhecido como bruxo da ilha, dedicou sua vida aos estudos da sabedoria popular de Florianópolis. Deixou mais de 1.500 desenhos, esculturas, anotações,

recortes de jornais, entre outros documentos sobre a cultura açoriana. Sobre seus estudos, afirmou:

Tive a felicidade de ser um dos primeiros a penetrar no interior da Ilha de Santa Catarina, antes mesmo de terem lá chegado os massivos meios de comunicação. Em alguns lugares não havia instalação elétrica, nem estradas, o que fazia com que as comunidades vivessem um mundo próprio, longe das influências dos centros urbanos, permitindo que suas vivências e manifestações se mantivessem livres de alterações provocadas por agentes externos (WOITOWICZ, 20??).

Devido à importância cultural e de identidade local, a capacidade de explorar a literatura oral formada por contos, cantigas, benzeduras e feitiços e pela exploração econômica do imaginário mágico da cidade, o tema foi escolhido para nortear a edição do programa A Cara da Cidade.

Gelci José Coelho, popular Peninha, foi escolhido para ser entrevistado ao vivo no programa por ser especialista em Franklin Cascaes e profundo conhecedor da mitologia da ilha. Formado em História pela Universidade Federal de Santa Catarina e com especialização em Museologia, Gelci José Coelho foi diretor do Museu Universitário Professor Oswaldo Rodrigues Cabral, onde trabalhou com Cascaes. Hoje, o museólogo é aposentado e mora em Palhoça.

A produção do programa optou por fazer seis boletins: dois de histórias contadas por nativos da ilha, um sobre lendas, um sobre a origem do título *Ilha da Magia*, um sobre a bruxa Jussara e um sobre o comércio exotérico. Além dos boletins, o quadro fixo, *A Cara de outra Cidade*, foi produzido com um cabo-verdiano. Os assuntos e histórias abordados nos boletins eram discutidos e complementados pelos apresentadores Bruna Carolina Santos da Silva e Guilherme Brincas Albano e por Gelci José Coelho.

Os boletins foram agrupados de maneira que contos e lendas se concentrassem no início, em seguida foram agrupadas as matérias que trataram de marketing, comércio e economia, depois foi reproduzido o quadro A Cara da Cidade, e por fim, o último boletim encerrou com a entrevista de uma bruxa.

O primeiro boletim sobre histórias contadas por nativos da ilha foi produzido por Gabriela Raposo Gomes de Souza, Mônica Custódio e Luize Suzana dos Santos Ribas. Elas foram ao bairro da Barra da Lagoa e entrevistaram o pescador Bento Vieira e Aurino de Jesus. As entrevistas foram focadas nos contos e relatos dos moradores. As sonoras

usadas se concentraram nas histórias e constatações dos entrevistados, precedidas por explicações da locutora.

O segundo boletim sobre histórias contadas por nativos da ilha foi produzido por Talita Burbulhan e Júlia Rohden Ramos. A entrevistada foi a dona Ilda Martins Vieira, benzedeira que mora no Pântano do Sul, um dos bairros que ainda cultiva as tradições açorianas. O boletim inicia com uma cantiga folclórica de Florianópolis cantada pela entrevistada. Assim como o primeiro, predominam as histórias e causos no boletim. Termina com a entrevistada recitando uma reza para afastar tempestades.

No boletim sobre lendas, André Guilherme Passos Picolotto entrevistou Sidnei Paim. A matéria foi dividida em uma introdução feita pelo locutor e a sonora da entrevista. As lendas falavam de túneis encantados no subsolo de Florianópolis.

Para produzir a matéria sobre a origem do título Ilha da Magia, Tamires Cristina Kleinkauf e Ricardo Florêncio dos Passos perguntaram a alguns moradores de Florianópolis quais os motivos que eles imaginavam ter rendido o título. As respostas dos entrevistados incluíram o folclore, marketing, a beleza da cidade e a hospitalidade dos moradores. Após o término do boletim, Gelci José Coelho contou que teve envolvimento na criação do título e que teve como objetivo aumentar o turismo.

Aproveitando a exploração comercial do imaginário florianopolitano, o boletim seguinte, produzido por Michele de Melo e Luciane Gonçalves Toledo, tratou do comércio exotérico. O entrevistado foi Irivaldo Schappo, dono de uma loja esotérica. Após uma introdução da locutora, há uma sonora do entrevistado falando sobre os produtos que vende, em quais épocas do ano seu faturamento é maior e a influência que a cultura de Florianópolis exerce em suas vendas.

Em seguida, o quadro *A Cara de outra Cidade*, produzido por José Djalma da Silva Júnior, fez um comparativo entre as lendas de Florianópolis e de Cabo Verde. O entrevistado foi o intercambista de Cabo Verde, Jefferson Nefferkturu. O boletim foi intercalado entre explicações do locutor e sonoras do entrevistado, que falou sobre as histórias de bruxas e rituais mágicos de seu país.

O último boletim do programa, sobre a bruxa Jussara, foi produzido por Priscila Oliveira dos Anjos e Valmor Manoel Vieira Neto. Entre as descrições da locutora, a entrevistada fala de porque se considera uma bruxa, o que ela faz e da discriminação que sofre pelo título.

A edição do programa buscou por uma unidade e ritmo entre os boletins com o uso de músicas e efeitos sonoros utilizados. Todos os sons escolhidos, como cantos de sereias, músicas instrumentais e que remetem a mistério foram usadas de forma a combinar com os textos. Também houve preocupação em utilizar recursos nas próprias entrevistas, como rezas e cantigas interpretadas pelos convidados.

### 5.1 Ficha Técnica

a) Roteiro e apresentação: Bruna Carolina Santos da Silva e Guilherme Brincas Albano.

b) Produção: Luize Suzana dos Santos Ribas, Giuliano Marcus Bianco, Luciane Toledo Gonçalves, João Vítor Chagas Roberge, Bruna Carolina Santos da Silva e Guilherme Brincas Albano.

c) Reportagem: André Guilherme Passos Picolotto, Priscila Oliveira dos Anjos, Rubens Lopes de Souza, Gabriela Raposo Gomes de Souza, Valmor Manoel Vieira Neto, Mônica Custódio, José Djalma da Silva Júnior, Michele de Melo, Talita Burbulhan, Ricardo Florêncio dos Passos, Tamires Cristina Kleinkauf e Ana Cristina Peron.

d) Músicas: Rancho de Amor à Ilha – Dazaranha; Cara Cara – Cidade Negra; Moby Dick - Philip Sainton; Entrevero Instrumental - Filipe Maliska.

e) Entrevistados: Gelci José Coelho, Bento Vieira, Aurino de Jesus, Ilda Martins Vieira, Sidnei Paim, Irivaldo Schappo, Jeferson Nefferkturu, Jussara Topolski.

## 6 CONSIDERAÇÕES

A experiência laboratorial do programa *A Cara da Cidade* atingiu o objetivo de explorar aspectos da cultura local de Florianópolis, dando espaço para que os populares contassem suas versões sobre a magia da Ilha. Os exemplos e as histórias contadas na produção ilustram o quanto a temática se faz presente no dia-a-dia do morador da cidade.

A edição *Ilha da Magia* do programa permitiu o acesso à cultura manézinha de Florianópolis, explorando suas lendas, mitos e causos. A tradição, que passa de pai para filho e encanta os turistas, se mantém viva por causa da fé e da crença dessas pessoas. Os hábitos e as rotinas abordados na produção são adaptados segundo costumes que não aceitam a intervenção da ciência. Tudo foi tratado como mágico e ao mesmo passo assustador e encantador segundo a visão dos entrevistados.

Foi justificado o porquê do termo Ilha da Magia configurar uma denominação mercadológica, pois vende o conjunto formado pela cultura florianopolitana, a história da

cidade, sua geografia e tudo aquilo que é explicado através das lendas que cercam a Ilha. O turismo é uma das atividades econômicas mais importantes para a cidade e muitas famílias necessitam da renda gerada através dessa atividade para garantirem o sustento.

Enfim, não existe estudo ou abordagem jornalística que consiga reproduzir a sensação de estar ao lado de um pescador que te conta o motivo para a falta de peixes no mar. As explicações sempre são cercadas de magia e temor, mas, como diz o ditado popular, não creio em bruxas, mas que elas existem elas existem, diria o velho pescador.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BARBEIRO, Heródoto & LIMA, Paulo Rodolfo. **Manual de Radiojornalismo: Produção, Ética e Internet**. São Paulo: Editora Campus, 2001.

MCLEISH, Robert. **Produção de Rádio – Um guia abrangente da produção radiofônica**. São Paulo: Summus, 2001.

VIGIL, José Ignacio López. **Manual urgente para radialistas apaixonados**. São Paulo: Paulinas, 2003.

WOITOWICZ, Karina Janz. **A cultura popular na Ilha da Magia: Práticas e Memórias de Bruxarias**. 20??. Disponível em: < <http://www.pmf.sc.gov.br/entidades/franklincascaes/index.php?cms=franklin+cascaes&menu=1> >. Acesso em: 17 Abr. 2012.